

# NUMÁRIA DE D. AFONSO HENRIQUES

SEPARATA DAS  
ACTAS DO IV CONGRESSO NACIONAL DE NUMISMÁTICA

LISBOA – 1998

## NUMÁRIA DE D. AFONSO HENRIQUES

*F. A. Magro  
M. Filomena Guerra  
Alexandra Gondonneau*

### Summary

After a brief historical revision of what was written by previous authors about the possible gold coins and the bullion coins of our first king, the metrology and the composition of the coined metal is presented.

As regards the gold, the results of the analysis of several coins are also presented as a point of reference.

After a discussion of the results presented, conclusions are obtained about the several factors which were appreciated, ending the paper by showing the probable chronology of the series.

### 1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Até aos finais do século XIX foram desconhecidas moedas que se pudessem atribuir ao nosso primeiro rei.

Frei António Brandão (1), D. António Caetano de Sousa (2), Manuel Severim de Faria (3), Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (4), Manuel Bernardo Lopes Fernandes (5) e José do Amaral Bandeira de Toro (6)<sup>(a)</sup> não mencionam nas suas obras quaisquer moedas de D. Afonso Henriques.

Só com Teixeira de Aragão (7) são feitas as primeiras atribuições, mesmo assim considerando como de D. Afonso

---

(a) - Até à 8ª. Cademeta, publicada em 1881.

Henriques moedas que posteriormente se verificou pertencerem a D. Afonso II.

Leite de Vasconcelos (8) nada acrescenta de útil a este assunto, sendo Batalha Reis (9) o primeiro autor a fazer atribuições correctas ainda hoje aceites.

Ferraro Vaz (10) (11) procede a uma completa catalogação das moedas de D. Afonso I, com exclusão dos morabitanos, com os quais, depois de rebater a argumentação de Batalha Reis, acaba por fazer notável confusão na sua última obra (12).

Os últimos autores a referirem esta numária foram Almeida do Amaral (13) e Magalhães Godinho (14), que em nada contribuem.

## 2. FINALIDADE DESTE TRABALHO

Pretende-se proceder à revisão de tudo o que foi feito, à luz de novos dados, ou seja, o conhecimento das ligas metálicas utilizadas, devido aos trabalhos de análise feitos no CNRS de Orleans, pelas co-autoras desta comunicação.

## 3. MOEDAS DE OURO

a. A questão da emissão ou não de moeda de ouro em nome de D. Afonso Henriques tem sido objecto de controvérsia desde o início deste século, não tendo sido possível chegar a um consenso quanto à sua existência. Vejamos em breve resumo o que foi dito pelos autores que sobre o assunto se debruçaram:

– José do Amaral B. de Toro (6) apresenta na 1ª. Caderneta (1872) e pela primeira vez, dois morabitanos em nome de Afonso.

- (1) Um que diz ter sido achado nuns muros em Trancoso e que atribuiu a D. Afonso II, pertenceu a Marcelino de Matos até 1865, data em que foi comprado por D. Luís e está hoje no MNP.
- (2) Outro que difere do primeiro pela posição da cruz no reverso e por ter AFNSI em vez de ALFONSI,

pertencia à data à colecção Abílio Martins e pertenceu sucessivamente a Sousa Braga, Dr. Guinle e está hoje também no MNP.

(3) Finalmente na 9ª. Caderneta (1882) refere outro morabitino, este com a letra B no reverso, que diz ter sido achado em 1872 em Ruães, perto de Braga, e pertencer à colecção Ferreira Carmo (foi sucessivamente do Visconde da Gandra, Conde do Ameal, Sousa Braga, Dr. Guinle e está hoje também no MNP). Diz ser da talha de 62 peças em marco e ser de ouro de 989 milésimos. Este exemplar é atribuído a D. Afonso Henriques por ter legenda DOMINI.I.AFNSI.

– Teixeira de Aragão (7) no reinado do fundador menciona os dois morabitinos (2) e (3) acima, aos quais atribui ouro de 980 milésimos. Informa que o morabitino (1) foi comprado por D. Luís aos herdeiros do Dr. Marcelino de Matos.

– Leite de Vasconcelos (8) apenas refere de relevante em nota na página 13, (da primeira obra) que o morabitino com B não será autêntico (com o que Teixeira de Aragão aqui expressamente concorda, ao contrário do que escrevera antes), aduzindo para tal razões pouco convincentes, por exemplo "A isto acresce a *facilidade* artística de realizar tal imitação", com o que discordamos totalmente.<sup>(b)</sup>

– Batalha Reis (9) refere os exemplares (2) e (3) e diz que o exemplar com B foi feito em Viseu por um tal Manuel Granadeiro por encomenda de Amaral de Toro (tal informação diz provir de Augusto Viana de Moraes, que

---

(b) - Refere-se à moeda achada em Trancoso na pág. 196 da segunda obra mencionada, fazendo-se eco e concordando com a atribuição que Amaral de Toro faz na pág. 242 da sua obra.

por sua vez a endossa ao Conselheiro Manuel Francisco Vargas). Aduz uma série de argumentos para justificar a falsificação, argumentos esses que nos parecem falhos de força e até de lógica. Para piorar a questão, no capítulo final das Falsificações, mostra três morabitos com B, quando constrói todo o seu raciocínio com base apenas no exemplar que Teixeira de Aragão e Amaral de Toro mostraram.

- Ferraro Vaz (10) apenas conhece dois morabitos com B:

- (3) o exemplar do Museu, já visto acima;

- (4) o exemplar vendido em 1926 pela casa Schulman e que pertenceu à colecção Carvalho Monteiro e sucessivamente à colecção Marrocos e ao actual possuidor. Considera à priori as duas moedas como falsas, o que é inaceitável, pois apenas presta atenção, e superficialmente, às legendas. Não aceita o título do metal indicado pelos autores que o precedem, no que faz bem, e considera que o ouro utilizado proviria de moedas arabs então em curso.

Na sua grande obra publicada em 1960 (11), em nota à página 102 refere os três exemplares representados por Batalha Reis, mas diz só conhecer o do Museu - o exemplar (4) só o conhece por fotografia. E deste duvida do peso indicado de 4,4 g., alvitando que deverá ser erro de impressão e que o peso correcto seria de 3,4 g.

Depois de rebater os argumentos de Batalha Reis quanto à impossibilidade destas peças pertencerem a D. Afonso Henriques, encerra a questão dizendo que "Entre os morabitos conhecidos, os mais antigos serão os lavrados em nome de Sancivs...". Para finalizar, por

considerações várias, admite que a nossa primeira casa de moeda tenha sido em Braga e atribui o morabitino a D. Afonso II.

Chegamos a 1969; e Ferraro Vaz apresenta um catálogo (12) onde o célebre morabitino de Braga aparece colocado em D. Afonso II, como dado adquirido e sem mais explicações.

- Almeida do Amaral (13) mantém a moeda (3) em D. Afonso Henriques, onde a tinham colocado os anteriores conservadores.
- Vitorino Magalhães Godinho (14) em judiciosa análise ao que foi escrito sobre este assunto, desmonta as alegações históricas de Batalha Reis quanto à impossibilidade de cunhagem de ouro por D. Afonso Henriques. Quanto às alegações numismáticas, aceita-as como boas, por desconhecer a existência de peças mais pesadas. De qualquer modo diz: "Quer a amoedação do ouro tenha começado, em Portugal, com Afonso Henriques, como se afigura mais provável, quer com Sancho I (1185-1211), o facto essencial fica de pé: essa amoedação entronca no dinar almorávida, numa época em que este já não tinha o esplendor de outrora e em que a dobra almóhada ia despontar no horizonte" (já tinha despontado havia muito, dizemos nós). Discute também a arrumação proposta por Ferraro Vaz e a respectiva argumentação de suporte, aceitando quando este diz a respeito da peça (4). Mais vai salientando que no testamento de D. Afonso I se referem "é evidente, respectivamente dobras almóhadas, dinares almorávidas ou morabitanos alfonsis e meias dobras almóhadas".

b. Em resumo do que fica exposto, podemos dizer:

- nenhum autor até Amaral de Toro conheceu morabitanos que se pudessem atribuir a qualquer um dos Afonsos; este autor apresenta três:
  - um com B, que atribui a D. Afonso I;
  - dois sem B, que atribui a D. Afonso II.
- Teixeira de Aragão começa por aceitar esta classificação, mas posteriormente duvida da moeda com B (segundo Leite de Vasconcelos) e passa a considera-la falsa.
- Batalha Reis que parece conhecer três exemplares com B, apresenta todos como falsos, mas chega a esta conclusão baseando-se apenas num.
- Ferraro Vaz parece conhecer apenas dois exemplares, considera-os como falsos sem mais explicações, mas acaba por incluir um no seu catálogo, no reinado de D. Afonso II. A sua argumentação é confusa, embora se perceba que pretende que Braga tivesse tido casa de moeda.

#### 4. MOEDAS DE BOLHÃO

A partir das obras de Ferraro Vaz (11) (12), ficam definitivamente conhecidos cinco tipos de moeda de bolhão atribuíveis a D. Afonso Henriques, e nada leva a crer que essa atribuição seja incorrecta. Relembremos esses tipos:



Actualmente podemos considerar para este reinado sete tipos, por subdivisão dos tipos A e E:

A1 - moedas com pentagrama

A2 - moedas com hexagrama

E1 - moedas com ALFOS REX do lado do florão

E2 - moedas com ALFOS REX do lado da cruz



## 5. METROLOGIA

Dispomos hoje em dia de dados correspondentes às seguintes moedas:

Tipos	Nº. exemp. conheç.	Nº. exemp. pesados	Peso médio	Desvio padrão	Var.	Observações
M1	1	1	3,69g (a) (b)	-	-	Morabitino B do MNP
M2	1	1	4,33g (b)	-	-	Morabitino B Colc CMC
M3	1	1	3,60g (b)	-	-	Morabitino B Colc. RCC
A1	15	9	0,80g	0,11	13%	
A2	1	1	0,59g (b)	-	-	
B	7(c)	6	0,83g	0,18	22%	
C	2	2	0,65g	-	-	
D	1	1	0,83g (b)	-	-	
E1	20/30	12	0,59g	0,11	19%	
E2	10/12	6	0,49g	0,06	12%	



- (a) O catálogo do MNP indica 3.31 g
- (b) Peso do único exemplar conhecido
- (c) Os sinais por baixo do busto, muito tempo interpretados como letras monetárias CO, o que indicaria cunhagem em Coimbra, são na realidade dois aneletes.

## 6. LIGAS METÁLICAS UTILIZADAS

Houve possibilidade de determinar as composições de algumas destas moedas, assim como de várias outras, para comparação.\*

Vejamos os resultados obtidos:

### (a) Moedas de ouro

Moedas	Au	Ag	Cu	Pt	Pd	Pb	Sn	Ti	Zn	Fe	Observações
M1	x	x	x								Do MNP
M2	95,3	4,6	0,1	36	32	87	49	-	9	418	Col CMC
M3	95,7	4,0	0,2	384	572	-	8	2	12	153	Col RCC

Nota: não foi possível a análise actual do M1, por o MNP ter fechado; sabe-se porém (15) que uma análise anterior por fluorescência de Raios X, acusou ouro, prata e cobre.

Para termos de comparação, obteve-se:

### - Morabitanos de Sancho I

Au	Ag	Cu	Pt	Pd	Pb	Sn	Ti	Zn	Fe
70,7	28,5	0,7	10	3	151	195	1	12	297
96,1	3,7	0,1	44	23	87	24	2	11	747
79,5	19,7	0,8	2	3	-	291	1	5	284

\* - Trabalho feito pelas co-autoras no CNRS em Orleans, por activação com prótons de 12 M e V.

– Dinares almorávidas

Datas	Au	Ag	Cu	Pt	Pd	Pb	Sn	Ti	Zn	Fe	Observações
1126	90,5	8,5	1,0	3	4	-	71	89	96	465	Sevilha
1127	90,7	8,4	0,8	2	3	272	100	2	118	834	Granada
1143	94,4	5,0	0,4	4	5	76	67	0,1	52	699	Almeria
1145	96,0	3,7	0,2	4	5	50	22	21	9	590	Granada
1146	96,4	3,3	0,2	6	6	-	15	3	5	302	Cordova

– Moedas almóadas

Datas	Au	Ag	Cu	Pt	Pd	Pb	Sn	Ti	Zn	Fe	Observações
1130/64	98,8	1,1	0,04	120	280	130	10	10	20	40	Sevilha(2.30g)
1130/64	99,2	0,76	0,01	2	4	11	10	1	10	1	Sevilha(2.30g)
1164/84	98,8	1,0	0,01	74	3	30	320	-	10	10	Sevilha(2.31g)
1159/69	99,2	0,8	0,01	1	5	19	22	1	12	-	Marraquexe(2.25g)
1184/99	99,2	0,7	0,01	2	4	19	17	2	26	637	- (4.59g)

– Moedas portuguesas da 2ª. Dinastia

Moedas	Au	Ag	Cu	Pt	Pd	Pb	Sn	Ti	Zn	Fe	Observações
Cruzado P	95,8	3,3	0,9	7	21	55	14	-	15	420	Afonso V
Português	98,0	1,5	0,5	3	8	5	25	-	6	250	Manuel I
Cruzado L	93,9	5,3	0,8	160	6	70	180	-	34	515	João III
500 reais	91,6	8,0	0,3	260	13	65	9	-	11	170	Sebastião

– Moedas portuguesas da 4ª. Dinastia

Datas	Au	Ag	Cu	Pt	Pd	Pb	Sn	Ti	Zn	Fe	Observações
1741	90,9	4,9	4,0	141	1445	139	2	-	8	174	Quartinho
1776	90,1	5,7	3,9	262	2336	595	2	-	5	105	1/2 escudo
1851	91,6	5,7	2,4	320	2286	-	61	-	14	369	1000 reis
1865	91,6	4,4	3,7	254	2059	-	13	-	9	1156	2000 reis

– Barras de ouro brasileiras

Barras	Au	Ag	Cu	Pt	Pd	Hg	Sn	Ti	Zn	Fe	Observações
Sabará	91,8	5,6	0,4	413	20763	141	-	-	-	314	1809
Serro Frio	96,4	3,3	0,1	323	1465	263	9	1	4	262	1811
Vila Rica	91,2	8,5	0,1	51	2343	96	-	-	83	53	1818

Nota: Au, Ag e Cu em %  
Outros metais em p.p.m.

(b) Moedas de Bolho

Apresentam-se nos quadros seguintes as composições do metal amoeado.

	Tipo A 1			Tipo B		C	Tipo E 1						E 2
Au	0,11	0,003	0,05	0,08	0,06	0,04	0,10	0,07	0,08	0,07	0,003	0,08	0,15
As	0,11	0,12	0,09	0,11	0,17	0,06	0,06	0,07	0,08	0,18	0,09	0,06	0,09
Sn	0,08	0,30	0,26	0,14	0,19	0,20	0,23	0,13	0,20	0,15	0,04	0,14	0,22
Sb	0,32	0,16	0,17	0,11	0,17	0,16	0,17	0,12	0,19	0,13	0,12	0,11	0,16
Zn	-	0,01	0,09	0,26	0,16	-	0,05	0,01	-	-	0,01	0,01	0,11
Pb	0,39	0,41	0,50	1,16	1,10	1,21	0,87	1,50	0,75	1,21	0,39	0,55	1,09
Ag	22,8	18,35	13,0	50,7	37,0	34,85	34,09	42,0	24,86	19,72	27,59	45,08	18,56
Fe	-	0,21	0,16	0,15	0,02	0,10	0,37	0,08	1,69	-	0,14	0,98	0,29
Cu	76,17	81,12	86,3	47,8	61,7	63,84	64,89	56,4	71,97	78,49	71,93	54,21	80,11
Ti	-	0,00004	0,0006	0,0008	-	-	0,0002	0,0002	-	-	-	0,0003	0,0004

Nota: não foi possível analisar os exemplares únicos A2 e D.  
Valores apresentados em %. Análises feitas por  
activação protnica (prtes de 12 Mev).

## 7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS EXPOSTOS

### a. Moedas de ouro

1. Das composições apresentadas podemos concluir:

- (a) Que o ouro usado na cunhagem dos dinares almorávidas, das moedas almóadas e dos morabitanos de Sancho I tem cobre, platina e paládio na sua composição, mas em proporções desprezáveis;
- (b) Que as moedas portuguesas da 2ª. Dinastia têm cobre em quantidade desprezável parecendo que a platina vai aumentando com o passar do tempo (ouro de nova proveniência?);
- (c) Que as moedas portuguesas da 4ª. Dinastia, a partir de fins do reinado de Pedro II, têm elevados teores de platina e paládio (o ouro brasileiro, como vimos nas análises das barras, tem sempre paládio, daí a sua existência nas moedas desta Dinastia), e cobre já apreciável.

2. Comparando estes dados com os que conhecemos dos morabitanos M1, M2 e M3, parece poder-se concluir:

- (a) Que M1 presumivelmente será falso e talvez feito com ouro da 4ª. Dinastia;
- (b) Que M3 será também presumivelmente falso e feito com ouro brasileiro;
- (c) Que M2, a menos que tenha sido batido com metal obtido a partir de dinares arabes ou morabitanos de Sancho I, poderá eventualmente ser autêntico.

M1 e M3, até melhor observação, parecem ser feitos com o mesmo cunho, e M2 provir de um cunho diferente.

M 1



M 2



M 3



### 3. Discussão de M2

- (a) Quanto à liga, já vimos que a moeda poderá ser verdadeira, por ter composição semelhante às da época a que é atribuída. Não vemos o falsário a desfazer dinares ou morabitanos (já caros na época) para fabricar esta moeda (nem havia à data conhecimento das composições exactas, que o levasse a ter este cuidado).
- (b) Quanto ao módulo, é aceitável - 26 mm.
- (c) Quanto ao peso, este é excessivo quando comparado com o das moedas de Sancho I, mas bastante próximo do peso dos dinares almorávidas\*. Já eram também conhecidas as dobras almóadas pelo menos desde 1161, e eram apreciadas pelos cristãos (ver (14) a este respeito). Aliás Ferraro Vaz fala num morabitino de Sancho I até com peso superior (4,4 g), isto é, praticamente o peso da dobra

---

\* - Ver Quadro 1 do trabalho "A moeda Almorávida" pag. 165 destas Actas.

almóada. Podemos escalonar os pesos dos morabitos conhecidos do seguinte modo:

Afonso I	- 4,33 g
Sancho I	- 4,4 a 3,50 g
Afonso II	- 3,81 a 3,13 g
Sancho II	- 3,25 g

(d) Quanto à legenda, o facto desta apresentar a palavra DOMINII (que revelaria falsificação), que dizer das moedas dos Sanchos com a palavra SANCIII ? São todas falsas ?

(e) Quanto à existência de letra monetária, é facto que só muito mais tarde esse uso se generalizou entre nós, com D. Fernando.

Mas naquela época, com Afonso VII de Leão e Castela (1126-1157), Fernando II de Leão e Galiza (1157-1188) e Afonso VIII de Castela (1158-1214) foram usadas letras monetárias até em dinheiros.

(f) Quanto à tipologia - cavaleiro com manto sobre a garupa do cavalo - é continuada em Sancho I, modificada neste reinado para manto pendente, e retomada nos dois reinados seguintes. (outros pormenores tipológicos justificam a inclusão, feita por Ferraro Vaz, destas moedas no reinado de D. Afonso II - a que se opõe, nesta moeda, a metrologia).

#### b. Moedas de bolhão

Da análise dos dados disponíveis, parece evidente a não existência de mealhas neste reinado. Mesmo o grupo E2, com peso médio de 0,49g, pesa demasiado para ser meio dinheiro. Calculando os teores médios de prata, temos:

A1 - 0,15g B - 0,36g C - 0,23g E1 - 0,19g E2 - 0,09g

Considerando estes teores, as moedas do grupo E2 poderiam ser tidas por mealhas. Põe-se porém o problema básico de como seriam distinguidas das moedas do grupo E1 no dia a dia de uma população iletrada.

E assim sendo, preferimos até melhores elementos disponíveis, considerar as moedas do grupo E2 como dinheiros de uma última emissão de baixo teor de prata.

## 8. CONCLUSÃO

- a. Parece que, com bastante probabilidade, se pode considerar que no reinado de D. Afonso Henriques houve emissão de moeda de ouro, sob a forma de morabitanos com letra monetária B.
- b. Quanto à casa de moeda onde teriam sido cunhadas as moedas deste reinado, nada se opõe a que a mesma tenha sido em Braga. Estudos posteriores, baseados em documentação existente mas ainda não devidamente comparada, permitirão (ou não) confirmar esta suposição.
- c. Quanto à cronologia das várias séries conhecidas e atribuíveis ao nosso primeiro rei, teremos:

### (1) Morabitino

Vemos como hipótese mais provável uma emissão limitada, em ou logo após 1179, ano em que o título de rei é reconhecido a D. Afonso Henriques pelo Papa.

### (2) Dinheiros

De acordo com Gomes Marques (16), há boas razões para acreditar que houve "renovaciones monetae", com mudança dos tipos de moeda, levadas a efeito pelos reis de Portugal até 1260 e que, com grande probabilidade, os intervalos entre amoedações foram de sete anos, sendo a primeira emissão feita no ano de acesso do rei ao trono. No

caso do reinado em apreço, qual será a data mais provável de início de amoedação ? Não certamente 1139, ano em que D. Afonso Henriques toma o título de rei; mas com grande probabilidade 1143, quando, pela paz de Zamora, Afonso VII lhe reconhece o título tomado. Se assim foi, temos sete possíveis emissões, sendo a última em 1185, ano do falecimento do rei. Pensamos então ser possível e muito provável o seguinte ordenamento cronológico:

- 1143 - moedas do grupo B
- 1150 - moedas do tipo C
- 1157 - moedas do tipo D
- 1164 - moedas do grupo E1
- 1171 - moedas do grupo A1
- 1178 - moedas do tipo A2
- 1185 - moedas do grupo E2

## BIBLIOGRAFIA

- (1) Brandão, Frei António - *Monarquia Lusitana*, III Parte, Livro 10º., Cap. 7, Lisboa 1690
- (2) Caetano de Sousa, D. António - *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo IV, Lisboa 1738 (reed. Coimbra 1947)
- (3) Severim de Faria, Manuel - *Notícias de Portugal*, 2ª. ed., Lisboa 1740
- (4) Viterbo, Frei Joaquim de Santa Rosa de - *Elucidário das palavras, termos e frases*, etc (1ª. ed. 1798/99), Porto 1984
- (5) Lopes Fernandes, Manuel Bernardo - *Memória das moedas correntes em Portugal, desde o tempo dos romanos até o ano de 1856*, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa 1857
- (6) Toro, José do Amaral Bandeira de (com Tito de Noronha até à 6ª. Caderneta) - *Numismática Portuguesa*, Porto 1872; *Diccionario de Numismática Portuguesa* (7ª. à 10ª. Caderneta), Porto 1882



- (7) Teixeira de Aragão, Augusto Carlos - *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal*, Lisboa 1875
- (8) Leite de Vasconcelos, José - "*Elenco das lições de Numismática*", Lisboa 1894. "*Da Numismática em Portugal*", *Arquivo da Universidade de Lisboa*, Vol. IX, Lisboa 1923
- (9) Batalha Reis, Pedro - *Morabitinos portugueses*, Academia Portuguesa da História, Lisboa 1940; *Cartilha da Numismática Portuguesa*, Lisboa 1952
- (10) Ferraro Vaz, Joaquim - *Os morabitinos à luz de uma nova investigação e de um novo achado*, *Arqueologia e História*, Lisboa 1951
- (11) Ferraro Vaz, Joaquim - *Numária medieval portuguesa 1128-1383*, Lisboa 1960
- (12) Ferraro Vaz, Joaquim - *Livro das moedas de Portugal*, Braga 1969
- (13) Almeida do Amaral, C. M. - *Catálogo descritivo das moedas portuguesas do Museu Numismático Português*, Lisboa 1977
- (14) Magalhães Godinho, Vitorino - *Os descobrimentos e a economia mundial*, Lisboa 1981
- (15) Costa Magro, Francisco António - "Considerations for working hypotheses on the billon coins of the first four kings of Portugal", *Problems of medieval coinage in the Iberian area*, Instituto de Sintra, Avilés 1986
- (16) Gomes Marques, Mário e Mário Manuel - "The relative size of the issues of the portuguese dinheiros", *Problems of medieval coinage in the Iberian area*, Santarém 1984